

Tradição geográfica e recepção: a *Geografia*, de Estrabão, no contexto do Principado

*Geographical tradition and reception: Strabo's 'Geography' in the
context of the Principate*

Guilherme de Aquino Silva*

Resumo: A *Geografia*, de Estrabão, escrita entre os séculos I a.C. e I d.C., é uma obra composta por dezessete livros, nos quais o autor reuniu uma série de informações a respeito das regiões banhadas pelo Mediterrâneo. Por meio da *Geografia*, acessamos dados acerca da natureza local (clima, relevo, solo, rios, animais e plantas), dos aspectos etnográficos (aparência física, usos e costumes, vestimentas e organização da sociedade), bem como das narrativas mitológicas e de eventos históricos. Neste artigo, apresentamos aspectos relacionados à produção, à tradição geográfica, ao público-alvo e à recepção da *Geografia*. Sendo assim, a partir de nossa análise, veremos como Estrabão dialogava com seus antecessores, além de ter sido influenciado diretamente pelo contexto no qual vivia.

Abstract: Strabo's *Geography*, written between the 1st century BC and AD is a work composed of seventeen books, in which the author gathered a serie of information about the regions bathed by the Mediterranean. Through *Geography*, we access data about local nature (climate, relief, soil, rivers, animals and plants), ethnographic aspects (physical appearance, uses and customs, clothing and organization of society), as well as mythological narratives and of historical events. In this article, we presente aspects related to the production, targed audience, geographical tradition and reception of *Geography*. Therefore, based on our analysis, we will be able to see how Strabo dialogue with his predecessors, in addition to being directly influenced by the context in which he lived.

Palavras-chave:
Império Romano.
Geografia.
Estrabão.
Tradição.
Recepção

Keywords:
Roman Empire.
Geography.
Strabo.
Tradition.
Reception.

Recebido em: 25/09/2022
Aprovado em: 01/12/2022

* Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. Bolsista CAPES e membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção Espírito Santo.

Organização da *Geografia*, assuntos tratados e público-alvo

A análise das fontes escritas, na Antiguidade, como no caso que abordamos neste artigo, impõe, para além de uma leitura crítica do texto em si, que nos debrucemos sobre os processos de produção, de publicação, de circulação, de transmissão e, por fim, de recepção da obra em contextos posteriores. Além disso, cabe ressaltar o importante papel da materialidade, no tocante à leitura dos livros, algo que o excerto a seguir expõe de forma muito clara:

[...] Quando o douto estudioso cita Vergílio, não lhe passa pela cabeça o papel, a editora, o tamanho da letra, a capa, a sobrecapa. Vergílio lhe parece tão maior que tudo isso. No entanto, a experiência da leitura só se dá pela materialidade, que é, muitas vezes, definidora da experiência de fruição ou não da obra literária – e, defendemos, de sua própria realização enquanto obra, ou seja, de sua criação [...] (LEITE, 2013, p. 84).

Por meio desse excerto, observamos que a leitura é influenciada pelo suporte no qual o texto está inscrito. Por muito tempo, nos estudos históricos, o papel da materialidade ficou obscurecido, dado que o foco das análises se mantinha preso ao conteúdo. Nas últimas décadas, no entanto, tem-se esclarecido que até mesmo o suporte material interfere no processo de interpretação dos textos.

À vista disso, por meio deste artigo, buscaremos iluminar aspectos relacionados à produção e à recepção da *Geografia*, de Estrabão. Num primeiro momento, analisaremos a maneira como a obra está organizada e os assuntos tratados pelo autor. Em seguida, indicaremos o público-alvo que o autor buscou atingir e como isso interferiu diretamente na produção do texto. Também mostraremos em que medida a tradição literária grega influenciou Estrabão. Para tanto, debruçamo-nos sobre os primeiros capítulos do Livro III da *Geografia* visando a catalogar os nomes dos autores antigos que Estrabão cita. Esse exercício demonstrou, entre outras coisas, que os testemunhos desses autores ora são criticados, ora são tomados como confiáveis. Por fim, indicaremos como a *Geografia* foi recebida pelo público, no contexto do Principado (27 a.C. – 235 d.C.).

Destarte, a *Geografia* possui, ao todo, dezessete livros, os quais se encontram subdivididos em capítulos e parágrafos. O principal objetivo de Estrabão, ao escrever sua obra, era fornecer aos líderes militares romanos um verdadeiro manual de como proceder à conquista, à exploração das riquezas do vasto território dominado por Roma, bem como à transformação cultural dos grupos submetidos, em direção à aquisição de um *modus vivendi* considerado “civilizado”, cujo maior exemplo provinha dos greco-romanos. Para

alcançar seu objetivo, Estrabão captou informações referentes aos territórios de todo o mundo conhecido pelos gregos e romanos até então.

Os dois primeiros livros são denominados “prolegômenos” e foram concebidos como uma introdução ao assunto que o autor trataria de maneira mais pormenorizada nos demais livros. O primeiro livro, portanto, trata-se de uma introdução contendo aspectos gerais sobre a *Geografia*, tais como os objetivos da obra e o público-alvo. Além disso, Estrabão tece considerações acerca da tradição geográfica grega. No segundo livro, Estrabão cria um diálogo entre a Geografia e outras áreas do conhecimento, como a Física, a Astronomia e a Geometria. O autor também faz observações gerais sobre o *orbis terrarum* e apresenta o mar Mediterrâneo e os territórios banhados por ele. Por fim, faz considerações acerca das principais fontes de informação em que teria se baseado para escrever sua *Geografia*.

A partir do Livro III, Estrabão enfatiza as características de cada território apenas citado de maneira geral nos Livros I e II. Dessa forma, o autor assim prosseguiu com a organização dos assuntos: Livro III (Península Ibérica); Livro IV (Gália, Britânia e Alpes); Livro V (Península Itálica); Livro VI (sul da Península Itálica e Sicília); Livro VII (norte e leste europeu, Europa Central, além de fragmentos acerca da Trácia e da Macedônia); Livro VIII (Macedônia e Grécia); Livro IX (Atenas, Beócia e Tessália); Livro X (Ilhas Eólias, ilha de Creta, entre outras ilhas do Egeu); Livro XI (Ásia Menor, incluindo o Cáucaso e a Armênia); Livro XII (Ásia Menor: Capadócia, Galácia, Bitínia, Lícia, Panfília, Cilícia, entre outras regiões); Livro XIII (Ásia Menor: região à frente do mar de Mármara, Lesbos e Troia); Livro XIV (Ásia Menor: Jônia, Icária, Samos, Quios, Rodes, Chipre, entre outras regiões); Livro XV (Índia e Pérsia); Livro XVI (Assíria, Babilônia, Mesopotâmia, Síria, Fenícia, Palestina e Arábia); e Livro XVII (Egito, Etiópia e Líbia).¹

Diante da dimensão da *Geografia*, elencamos para a análise apenas os quatro primeiros capítulos do Livro III, os quais contêm informações acerca da região da Península Ibérica. O capítulo cinco, portanto, que versa sobre as ilhas localizadas nas proximidades da costa ibérica, não foi analisado. No que tange aos assuntos abordados por Estrabão, destacamos, em primeiro lugar, aqueles que dizem respeito à natureza local, tais como: solo, recursos hídricos, clima, relevo, minerais, flora e fauna. Além da natureza local, Estrabão também se dedicou à descrição dos aspectos etnográficos dos grupos humanos. Organizamos os aspectos etnográficos nas seguintes categorias: distribuição da população pelo território; agricultura; mineração; comércio; navegação; técnicas e práticas militares; educação, língua e escrita; religião; alimentação; fisionomia; roupas e acessórios; além de

¹ Os assuntos estão dispostos com base na coleção da Loeb Classical Library.

usos e costumes diversos, como o banho, a maneira de dormir, o casamento e a coragem dos indivíduos. Apesar de termos nos debruçado sobre a análise de apenas um livro da *Geografia*, sabemos que esses mesmos assuntos foram tomados por Estrabão como referências para a sua descrição das demais regiões do mundo conhecido.

Além da *Geografia*, Estrabão também escreveu a obra *Comentários históricos*, composta por quarenta e sete livros. Clarke (1999, p. 194) afirma que o autor, ao redigi-la, tinha como propósito fazer uma compilação de fatos históricos que serviriam de continuação às *Histórias*, de Políbio, autor que viveu entre os séculos III e II a.C.² Desse modo, ao que tudo indica, tal obra seria rica em informação sobre o final da República e o início do Principado. Entretanto, infelizmente, restam-nos apenas dezenove pequenos fragmentos dos *Comentários Históricos*, o que nos impossibilita um conhecimento mais profundo sobre essa obra (DESERTO; MARQUES, 2016, p. 16).

Mesmo não dispondo de muitos dados sobre *Comentários históricos*, sabemos que Estrabão tinha como objetivo, por meio da obra, compilar informações de natureza política para subsidiar as estratégias governamentais. Em outras palavras, Estrabão teria elaborado uma espécie de manual, contendo os principais acontecimentos políticos, que serviriam de exemplos práticos para os governantes de sua época. Ao mesmo tempo, tal manual interessaria aos homens versados na *paideia*, ou seja, a todos aqueles que dispusessem de cultura literária, mesmo sem pretensão de seguir a carreira política. É o que o próprio Estrabão nos indica, no seguinte trecho de *Geografia* (1, 1, 22), ao falar do público-alvo de suas duas obras:

Em suma, este meu livro deve ser útil de maneira geral – tanto para os *politikoi*, quanto para o público em geral – como foi minha obra histórica. Na presente obra, como na outra, considero *politikoi* não o homem que é totalmente sem instrução, mas, sim, aquele que realizou as etapas de estudos usuais para os homens livres ou os estudantes de Filosofia. O homem que não pensa na virtude e na sabedoria prática, e naquilo que foi escrito acerca disso, não seria capaz de formar uma opinião válida, seja para criticar ou elogiar, nem sequer julgar questões históricas que merecem ser registradas neste tratado.³

Estrabão dá continuidade a esse assunto no próximo trecho em destaque, por meio do qual expõe a importância de suas obras como fontes de informação, tanto para a educação dos gregos e romanos, quanto para a vida política, em termos práticos. Além disso, verificamos, neste trecho, mais uma menção ao público-alvo de seus textos, que

² De acordo com Zuliani (1999, p. 13), Políbio teria compilado informações referentes até o ano de 144 a.C., mesma data que Estrabão teria utilizado como ponto de partida para sua obra histórica.

³ O termo grego *politikoi* foi traduzido por Jones (1960), na sua versão da *Geografia*, como *statesman*, ou seja, homens de Estado, categoria na qual podemos inserir todos aqueles ligados ao governo do Império Romano, como o imperador, os senadores e os membros do exército.

se confunde com os próprios protagonistas das narrativas, pois, do mesmo modo que os assuntos abordados tratavam do cotidiano da elite greco-romana, eles eram destinados a ela, como forma de instruí-la e, ao mesmo tempo, enaltecê-la:

Esta é a razão pela qual nós, após termos escrito alguns *Comentários Históricos* úteis, como supomos, para a filosofia ética e política, tivemos a ideia de adicionar a eles também o presente trabalho. É, com efeito, de mesmas características, e se dirige ao mesmo tipo de homem, sobretudo aos que ocupam postos eminentes. Ademais, da mesma maneira que ali só se menciona o relativo aos homens brilhantes e suas vidas, e, em contrapartida, deixa-se de lado o insignificante e de pouca fama, também aqui é preciso colocar à margem o insignificante e sem brilho, e, por outro lado, estender-se ao prestigioso, ao importante e àquele ao qual o prático é de fácil recordação e gratificante [...] (Estrabão, *Geographia.*, 1, 1, 23).

Nos primeiros livros da *Geografia*, Estrabão nos informa acerca dos objetivos gerais do conhecimento geográfico e, de maneira específica, aponta suas intenções ao escrever um tratado geográfico. Em primeiro lugar, notamos uma preocupação constante do autor com os assuntos de natureza política, o que se torna evidente quando afirma que o conhecimento geográfico, em sua maior parte, é dedicado à exposição de assuntos políticos. Em outro momento, Estrabão destaca que suas obras se dirigiam aos homens letrados e àqueles que conduziam exércitos, o que demonstra uma preocupação do autor com as questões político-militares (Str., *Geo.*, 1, 1, 16, 21). Acerca da importância do conhecimento geográfico para a vida política e militar, afirma:

[...] o espaço das nossas ações é precisamente a terra e o mar em que vivemos; pequeno espaço o das pequenas ações, grande [espaço] o das grandes [ações], e maior que nenhum outro o da totalidade deles, que precisamente chamamos de orbe habitado, de sorte que este viria a ser o espaço das ações mais importantes; os maiores condutores de exércitos são aqueles que têm poder para mandar sobre Terra e mar, reunindo povos e cidades em um único poder e administração política. Dessa forma, é evidente que a Geografia está toda orientada às ações próprias do governo, pois dispõe continentes e mares, uns dentro e outros fora do orbe habitado [...] (Str., *Geo.*, 1, 1, 16).

Estrabão continua a tratar da vinculação do conhecimento geográfico com a política, assinalando que os governantes podem gerenciar melhor os territórios sob seu domínio caso estejam cientes da extensão deles, bem como da distância em que se encontram de outros lugares e quais características físicas e culturais distinguem uma região da outra (Str., *Geo.*, 1, 1, 16). Esse, talvez, seja um dos aspectos mais importantes do conhecimento geográfico: o de situar o homem no espaço. Unindo informações sobre o céu, a Terra e o mar, os geógrafos antigos tinham a intenção de localizar e, com isso, auxiliar os governantes, pois o conhecimento do espaço tornava mais fácil o governo, a

administração e a exploração das regiões conquistadas. Estrabão nos indica, no excerto abaixo, a importância de se conhecer bem o espaço para os homens da Antiguidade:

[...] Os poetas, ao menos, apresentam como os mais prudentes dentre os heróis aqueles que mais se ausentaram de sua terra e mais caminharam errantes por toda a parte, pois situam, no topo dos méritos, ver cidades de muitos povos e conhecer sua maneira de pensar [...] (Str., *Geo.*, 1, 1, 16).

Para completar seu argumento, Estrabão cita alguns exemplos históricos de campanhas militares que não foram bem-sucedidas devido à falta de conhecimento geográfico. Da mesma forma, indica exemplos de expedições que foram prósperas porque os generais dispunham de boa experiência e estavam familiarizados com o espaço no qual se moviam (Str., *Geo.*, 1, 1, 17).

Em *Geografia*, portanto, é evidente o propósito de escrever uma obra que atenda às necessidades dos governantes, sobretudo no que se refere a questões de cunho prático, como a administração do território, a exploração de riquezas, a realização de empreendimentos comerciais e de viagens, entre outras atitudes que demandavam certo conhecimento do espaço. Isso fica ainda mais visível no trecho abaixo, no qual Estrabão faz uma comparação entre a Geografia e a Filosofia. Para o autor, ambas as áreas do conhecimento tratam de assuntos de natureza política. No entanto, a Geografia possui um caráter estratégico e prático:

[...] se a filosofia política gira, em sua maior parte, em torno dos governantes, e se gira também, por sua vez, a geografia em torno das necessidades próprias do governo, esta última apresenta certa superioridade a este respeito. Mas esta superioridade tem projeção prática (Str., *Geo.*, 1, 1, 18).

Outrossim, Estrabão nos indica os assuntos geográficos que são de interesse dos agentes políticos. Segundo o autor, o conhecimento geográfico abrange não apenas temas de natureza prática, tendo em vista que há questões de natureza teórica que os geógrafos devem enfrentar, sobretudo no tocante à Matemática e à Física. Por outro lado, o conhecimento geográfico também comporta informações históricas e mitológicas. Contudo, Estrabão deixa claro que seu principal objetivo é contribuir com os governantes do Império. Logo, tudo aquilo que é tratado na *Geografia*, desde os dados mitológicos às questões astronômicas, visa a atender à necessidade que os administradores possuíam de saber mais acerca do território sob seu controle (Str., *Geo.*, 1, 1, 19).

Para Estrabão, não era recomendável que o homem culto desconhecesse a Astronomia, pois precisava dominar, por exemplo, a disposição dos astros, a posição da Terra e os diversos fenômenos astronômicos que ocorriam em diferentes regiões

do Planeta. Todavia, era desnecessário aprofundar-se muito nisso, tarefa que caberia apenas àqueles que se dedicassem à Filosofia. Estrabão explica que a aquisição de conhecimento demanda muito tempo livre, o que nem sempre o governante possuía, pois se ocupava também de questões políticas. Desse modo, o autor faz um recorte de temas para atender aos anseios das autoridades imperiais, que necessitavam apenas de conhecimentos básicos de *Geografia*, sobretudo daqueles de cunho prático, não sendo necessário conhecer os detalhes da disciplina (Str., *Geo.*, 1, 1, 21). Após termos analisado a organização da Geografia, os assuntos tratados e o público-alvo, no próximo tópico, nos debruçaremos sobre as fontes de informação provenientes da tradição literária grega de que Estrabão se valeu para escrever sua obra.

A tradição literária grega no Livro III da *Geografia*

Para escrever sua *Geografia*, Estrabão se valeu de um vasto número de obras de autores que o antecederam. A postura do autor, diante de seus pares, foi, por um lado, de absorver aquilo que ele considerava correto e, por outro, de criticar aquilo que ele julgava incorreto, apresentando a escola geográfica à qual ele pertencia. Para termos uma noção da relação de Estrabão com a tradição que lhe antecedeu, catalogamos, somente nos quatro primeiros capítulos do Livro III da *Geografia*, referências diretas a dezesseis autores.

Homero (séc. VIII a.C.) é o autor que se encontra mais distante, no tempo, em relação a Estrabão. Todavia, é um dos nomes mais citados por ele. Também conhecido como "o poeta", Homero escreveu duas obras: a *Ilíada* e a *Odisseia*, as quais, decerto, foram lidas por Estrabão, uma vez que os textos são citados pelo nome na *Geografia*:

[...] E a expedição de Ulisses, ao que me parece, por ter sido realizada também até aqui e por ter sido investigada por Homero, serviu-lhe de pretexto para, quer em relação à *Odisseia*, quer à *Ilíada*, a partir do que realmente aconteceu, transformá-lo em poesia e na criação mítica habitual dos poetas [...] (Str., *Geo.*, 3, 2, 13).

Conforme o excerto, Estrabão defende a utilização das obras de Homero como fontes de informação acerca do território ibérico, sobretudo no que dizia respeito ao contexto da colonização grega e fenícia na região. Aliás, para Estrabão, os próprios fenícios, que colonizaram o sul da Ibéria, teriam fornecido dados a Homero a respeito das características daquele território. Acreditamos que, ao citar os fenícios, que estiveram presentes na Ibéria, Estrabão estivesse tentando conferir confiabilidade aos escritos homéricos e, por consequência, também às descrições contidas em sua própria *Geografia*

(3, 2, 13-14). Concordamos, desse modo, com Dueck (2000, p. 31), no sentido de que Estrabão pertencia a uma tradição literária grega cujas raízes remontavam a autores como Homero. Acerca disso, Dandrow (2017, p. 114) afirma que as obras de Homero, muito utilizadas por Estrabão, serviram como base para moldar a identidade grega, ao mesmo tempo em que transmitiram uma série de estereótipos etno-culturais, *topoi*, além de temas e estruturas que influenciaram a maneira como os gregos se viam e representavam os outros povos.

Estesícoro de Himera (sécs. VII-VI a.C.), por sua vez, foi citado por Estrabão apenas uma vez no Livro III. No trecho abaixo, Estrabão tece um comentário sobre o que Estesícoro havia afirmado a respeito do relato mitológico de Gerião,⁴ o que lhe fornecia a localização e a descrição de determinados locais na Ibéria. Vejamos:

[...] Parece, por outro lado, que os antigos chamavam Tartesso ao Bétis e Eriteia a Gades e às ilhas vizinhas; por isso se crê que Estesícoro terá falado deste modo do pastor Gérion, que teria nascido 'quase em frente à ilustre Eriteia, junto às fontes inesgotáveis do rio Tartesso de raiz argêntea, numa caverna nas rochas [...] (Str., *Geo.*, 3, 2, 11).

O trecho, apesar de pequeno, revela dados geográficos importantes. Em primeiro lugar, destacamos a localização de uma ilha denominada "ilustre", Eriteia, relevante em questões econômicas. Ela é associada a Gades, uma cidade localizada numa ilha de mesmo nome, que se tornou um grande entreposto comercial desde a colonização fenícia da Ibéria. Ademais, observamos a associação do topônimo Tartesso ao Bétis, nome de um rio localizado no sul da Península. Esse rio teria fontes inesgotáveis e seria de raiz argêntea, ou seja, ao mesmo tempo em que o rio fornecia água de forma abundante, sua "raiz", isto é, seu curso inicial, estava situado numa região montanhosa e rochosa da Ibéria, onde poderia ser encontrada uma quantidade enorme de minerais, dentre eles a prata. Por isso, o autor fala em "raiz argêntea". À vista disso, podemos conceber o trecho como uma forma de referência ao mito de Gerião, mas, nas entrelinhas, há a indicação da localização das riquezas hídricas e minerais ibéricas.

Dois autores que viveram entre os séculos VI e V a.C. são referenciados por Estrabão. São eles: Anacreonte de Teos e Píndaro. O primeiro é citado por Estrabão por reportar, em seus escritos, a informação de que haveria muitas riquezas no sul da Ibéria, região também conhecida como Tartessos, conforme contemplamos por meio desta passagem:

⁴ Gerião foi, segundo a mitologia grega, um gigante de três cabeças, que possuía um rebanho bovino. O rebanho ficava sob os cuidados de um pastor, Euritião, e de um cão, Ortro. Hércules teria se deslocado até a região da Ibéria; matado Gerião, Euritião e Ortro; e, por fim, conduzido o rebanho até a Grécia (GRIMAL, 2005, p. 183-184).

[...] E poderia pensar-se que é à sua grande prosperidade que os homens dali, e, sobretudo, os seus chefes, devem a fama de *macraionas* e que por isso Anacreonte teria dito o seguinte: 'eu não quereria a cornucópia de Amalteia, nem século e meio ser rei de Tartessos', e ainda que Heródoto registrara o nome do rei, chamando-lhe Argantônio (de facto, poder-se-á interpretar as palavras de Anacreonte assim – de um modo literal – ou de uma forma mais geral, assim: ser rei de Tartesso durante muito tempo) [...] (Str., *Geo.*, 3, 2, 14).

Estrabão, por meio do trecho acima, utiliza o relato de Anacreonte para se referir à grande riqueza e prosperidade dos habitantes do sul da Ibéria (Tartessos), e de como isso interferia no tempo de vida das pessoas, principalmente dos chefes. Os habitantes de Tartessos são chamados de *macraionas*, o que significa viver durante muitos anos (DESERTO; MARQUES, 2016, p. 57, n. 185). Conforme diz Anacreonte, o tempo de vida poderia chegar a um século e meio. Por óbvio, trata-se de um relato mitológico e não devemos considerá-lo de forma literal. A longevidade, contudo, é destacada como uma forma de demonstrar a prosperidade de um grupo humano, proporcionada por uma região que lhe fornecia todos os meios para sobreviver com bonança e estabilidade.

Píndaro, por sua vez, é citado por Estrabão para o fornecimento de uma explicação do termo hecatombe, conforme podemos observar: “[...] e fazem ainda hecatombes de cada espécie, à maneira grega (como diz Píndaro: ‘de tudo se sacrifica à centena’) [...]” (Str., *Geo.*, 3, 3, 7). O termo hecatombe, desse modo, se refere à prática de sacrifício de cem animais. Estrabão poderia ter simplesmente explicado o significado do termo hecatombe, sem mencionar o nome de Píndaro. Todavia, essa é uma maneira de embelezar o texto. Estrabão cita o nome de Píndaro, pois este poeta possuía uma relevância na tradição greco-romana, e referenciá-lo, sempre que possível, assim como ocorria no caso de Homero, fazia com que sua *Geografia* fosse acolhida entre seus pares (DESERTO; MARQUES, 2016, p. 25; p. 64, n. 239).

Heródoto, autor do século V a.C., é citado apenas uma vez no trecho da *Geografia* que analisamos, tendo ele fornecido o nome de um rei de Tartessos: Argantônio (Str., *Geo.*, 3, 2, 14). Sabemos que a obra *Histórias*, de Heródoto, faz pouquíssimas referências às regiões e grupos humanos do Mediterrâneo Ocidental, ao contrário do que ocorre em relação às áreas orientais, como no caso dos territórios grego, persa e egípcio. À vista disso, poderíamos afirmar que esse é mais um exemplo no qual Estrabão indica um autor da tradição grega visando ao embelezamento de seu texto.

Três autores do século IV são citados nos capítulos iniciais do Livro III: Aristóteles, Éforo e Píteas de Marselha. A seguir, apresentamos um trecho no qual há uma referência a Aristóteles:

[...] Posidônio afirma que Aristóteles não atribui corretamente a causa das marés altas e baixas à costa (ao longo da Ibéria e da Maurúsia), pois terá dito que o mar se agita em fluxos e refluxos por causa de os promontórios serem altos e escarpados, os quais não só recebem a onda com resistência, como também a devolvem [...]. Mas, pelo contrário, para ser exato: a maior parte deles é arenosa e baixa (Str., Geo., 3, 3, 3).

No tocante ao excerto, observamos que Estrabão, valendo-se de uma afirmação de Posidônio, tece uma crítica a Aristóteles, devido a um erro que este autor teria cometido ao tratar da oscilação do nível das marés no território meridional da Península Ibérica. Aristóteles teria dito que a alteração no nível das marés estaria ligada ao relevo da costa do sul da Ibéria e do norte da África (Maurúsia), regiões que seriam marcadas por elevações conhecidas como promontórios. Segundo Estrabão, essa não seria uma informação verídica, na medida em que o litoral das duas regiões seria baixo e arenoso, o que invalida o posicionamento de Aristóteles, autor que, inclusive, não esteve na Ibéria, ou seja, escreveu valendo-se dos dados fornecidos por terceiros.

Assim como faz no caso de Aristóteles, Estrabão também critica outro autor do século IV a.C., Éforo, que teria cometido um erro ao localizar, no sul da Ibéria, um templo dedicado a Hércules. Acerca disso, Estrabão escreve:

[...] [O Promontório Sagrado], que se precipita para o mar, Artemidoro, que esteve no lugar, como afirma, compara-o a um navio; três ilhéus favorecem a figura, com a posição de esporão e os outros dois, com ancoradouros à medida, a de laterais de proa. Todavia, nesse local, não está à vista um templo nem um altar de Hércules – nisso, Éforo enganou-se –, nem de qualquer outro dos deuses, mas antes pedras colocadas em grupos de três ou quatro por toda a parte, que são rodadas pelos que chegam, segundo um costume antigo, e repostas depois de terem realizado libações. E não é lícito fazer sacrifícios nem penetrar de noite no lugar – já que se diz que os deuses o ocupam durante esse tempo –, mas aqueles que vêm para o contemplar, passam a noite numa povoação vizinha; depois, entram durante o dia, levando água consigo, uma vez que ela ali escasseia (Str., Geo., 3, 1, 4).

No tocante à tradição, verificamos que Estrabão critica a informação de Éforo a respeito da presença de um templo de Hércules localizado no Promontório Sagrado. Ao mesmo tempo, Estrabão nos lega um importante dado a propósito das práticas religiosas pré-romanas de um grupo que habitava a região do Promontório. De acordo com Blázquez Martínez (2006, p. 240), o fato de não haver nenhum templo no local é uma característica comum dos espaços sagrados dedicados ao deus fenício *Baal Hammon*, o que demonstra que a população dessa região mantivera um costume muito antigo, ligado aos tempos das colonizações fenícia e cartaginesa.

Píteas de Marselha, autor que também viveu no século IV a.C., é duramente criticado por Estrabão, como podemos observar por meio do próximo trecho que destacamos. Nele, Estrabão, ao fazer uma defesa das informações obtidas por meio dos textos de Homero, deprecia Píteas, que teria enganado outros autores com seus dados geográficos errôneos. Vejamos:

[...] parece-me seguramente possível fazer a defesa não apenas de muito do que foi dito [por Homero], como até usá-lo para fazer correções, principalmente em assuntos como aqueles com que Píteas enganou os que nele acreditaram, por desconhecimento dos lugares ocidentais e setentrionais à beira do Oceano (Str., *Geo.*, 3, 4, 4).

Demétrio de Faleros (sécs. IV-III), foi citado uma vez no trecho da *Geografia* que destacamos a seguir. Como podemos observar, trata-se de uma fonte que chegou a Estrabão por intermédio de outro autor, Posidônio. Dessa forma, acreditamos que as obras de Demétrio tenham chegado a Estrabão como um testemunho de “segunda mão”. Outra questão relevante que depreendemos por meio da passagem é que Demétrio, apesar de citado no Livro III, não havia descrito a mineração no território ibérico, mas a maneira como essa prática ocorria em outra região: a Ática. Posidônio, pelo contrário, descreve a região da Ibéria em seus textos, legando a Estrabão informações a respeito da mineração neste território. Estrabão afirma:

[...] Assim, pois, com belas figuras se exprimiu Posidônio acerca deste assunto, como se também ele se servisse de boa parte do seu discurso retirado de uma mina. E, ao descrever o zelo dos mineiros, cita a afirmação de Demétrio de Faleros, porque este diz, a propósito das minas de prata da Ática, que os homens cavavam tão intensamente que esperariam extrair o próprio Plutão. Mostra, assim, que o esforço e o empenho dos turdetanos são semelhantes quando escavam galerias tortuosas e profundas e desviam com as conchas egípcias todas as correntes que nelas encontram com frequência [...] (Str., *Geo.*, 3, 2, 9).

Timóstenes de Rodes, autor do século III a.C., é mencionado apenas uma vez nas passagens que analisamos. Eis o trecho: “[...] há [inclusive] quem diga que [Calpe] é uma fundação de Hércules, entre os quais está Timóstenes, que afirma que outrora se lhe chamava também Heracleia, e ainda que ali podiam ver-se uma grande muralha e docas” (Str., *Geo.*, 3, 1, 7). Como observamos, por meio do relato de Timóstenes, Estrabão obteve a informação de que a cidade de Calpe possuía boas defesas, o que é evidenciado pela presença da muralha, assim como detinha bons portos, o que revela que seus habitantes se dedicavam ao comércio, algo que Estrabão valorizava como informação, na medida em que aponta o local onde os romanos poderiam realizar as trocas comerciais. Ademais, o trecho relaciona um dado mitológico à cidade de Calpe,

ao afirmar que ela teria sido fundada por Hércules, o que, na prática, é o mesmo que dizer que ela seria uma fundação grega.

Eratóstenes, que viveu entre os séculos III e II a.C., é citado duas vezes no Livro III. Em ambas as passagens ele é criticado, o que demonstra que Estrabão não confiava em suas informações acerca da Ibéria. Vejamos, por exemplo, este trecho: “[...] Eratóstenes afirma que [Tarraco] tem um porto, mas Artemidoro, contradizendo-o, diz que a cidade não se mostra nada adequada à ancoragem de navios [...]” (Str., *Geo.*, 3, 4, 7). Essa passagem possui a mesma característica que outra, encontrada em *Geografia* (3, 2, 1). Em ambas, observa-se que Artemidoro, autor que viveu entre os séculos II e I a.C., corrige falhas cometidas por Eratóstenes. Estrabão, que defende a visão de Artemidoro, indica que os erros de Eratóstenes estão ligados à confiança que este depositara nas informações fornecidas por Píteas.

Crates de Malos, que viveu no século II a.C., é citado por Estrabão em sua defesa da utilização dos escritos homéricos, que, para ambos os autores, tinham base científica e não apenas mitológica. Acerca disso, Estrabão (*Geo.*, 3, 4, 4) afirma o seguinte:

[...] não causa surpresa, igualmente, que outros, confiando nessas mesmas informações e no grande saber do poeta, tenham convertido a poesia de Homero em assuntos de natureza científica, exatamente como fez Crates de Malos – e também alguns outros [...].

Por meio de nossa análise, verificamos que Estrabão citou quatro autores que viveram entre os séculos II e I a.C. É, portanto, esse o período que concentra mais referências de Estrabão aos seus antecessores, dentre eles Políbio, Asclepiades de Mirleia, Artemidoro de Éfeso e Posidônio de Apameia.

Políbio é citado algumas vezes no Livro III. Na primeira, Estrabão afirma que o autor teria feito uma distinção entre dois grupos que habitavam o sul da Ibéria, a saber, os túrdulos e os turdetanos: “[...] designam os habitantes como turdetanos e também como túrdulos, pensando uns que são os mesmos e outros que são distintos (entre estes está Políbio, ao afirmar que os túrdulos são vizinhos dos turdetanos, a Norte) [...]” (Str., *Geo.*, 3, 1, 6). Neste outro trecho, vemos que Políbio forneceu outras informações de cunho etnográfico, desta vez acerca da relação de parentesco entre os célticos e os turdetanos, grupos que viviam no sul da Ibéria: “a prosperidade da região veio acompanhada para os turdetanos do progresso civilizacional e político, e também para os célticos, devido à sua vizinhança – segundo diz Políbio, por causa do parentesco – mas para estes em menor escala [...]” (Str., *Geo.*, 3, 2, 15). Também são de Políbio algumas informações etnográficas acerca das populações que viviam nas regiões setentrionais da Ibéria, como esta:

[...] Políbio, quando se demora na descrição dos povos e das regiões dos vaceios e dos celtíberos, junta ainda às outras as cidades de Segesama e Interkracia [...]. Mas quando Políbio diz que Tibério Graco destruiu trezentas das cidades deles, Posidônio, brincando com isso, afirma que o homem queria era cair nas boas graças de Graco, ao chamar cidades as torres de defesa, tal como acontecia nos cortejos triunfais [...] (Str., *Geo.*, 3, 4, 13).

Essa passagem aponta que Políbio descrevera as campanhas romanas no norte da Ibéria. Todavia, Estrabão critica a abordagem de Políbio no caso em que o autor pretendeu demonstrar a glória das conquistas romanas se baseando em informações exageradas e que não correspondiam à realidade. Em contrapartida, Políbio forneceu a Estrabão informações válidas acerca da prática da mineração em território ibérico, como podemos observar neste trecho:

Políbio, por seu turno, ao recordar as minas de prata de Nova Cartago, diz que são muito grandes, que distam da cidade uns vinte estádios, que compreendem um circuito de quatrocentos estádios, onde se mantinham quarenta mil trabalhadores que proporcionavam nessa época ao povo romano vinte e cinco mil dracmas por dia. Todavia, em relação ao processo de exploração, deixo de lado tudo o resto (pois é longo), exceto que ele conta que a pepita de prata arrastada pelas correntes é esmagada e filtrada na água em peneiras; os resíduos são de novo esmagados e, depois de filtrados nas águas correntes, são de novo esmagados. E, fundido o quinto resíduo, depois de filtrado o chumbo, obtém-se a prata pura [...] (Str., *Geo.*, 3, 2, 10).

Também é de Políbio a informação que Estrabão recolheu acerca de dois rios da Ibéria, conforme este exemplo: “[...] Políbio, porém, afirma que tanto o Anas como [o Bétis] nascem na Celtibéria, ainda que distem um do outro uns novecentos estádios [...]” (Str., *Geo.*, 3, 2, 11). Além disso, Políbio escreveu acerca da bolota, o fruto de uma espécie de carvalho que se espalhava pela costa ibérica e que serviria de alimento aos atuns. Assim escreve Estrabão (*Geo.*, 3, 2, 7): “[...] Políbio afirma que esta bolota chega mesmo até a costa latina, ‘a não ser’ – diz –, ‘que a Sardenha e a terra vizinha produzam também’ [...]”. Podemos observar, desse modo, que Estrabão se valeu de muitas informações provenientes dos textos de Políbio, mas não deixou de dizer que o autor mentiu ao afirmar que havia muitas cidades no Norte.

Asclepiades de Mirleia é citado em duas passagens do Livro III. Em um trecho, Asclepiades é a fonte de uma informação acerca da localização de um grupo humano que habitava a região nordeste da Ibéria, nas proximidades dos Pirineus:

[...] Assim, foi dado o nome de Ibéria, por parte dos autores antigos, a todo o território para lá do Ródano e do istmo delimitado pelos golfos Galácticos, mas os autores de agora colocam-lhe como limite os Pirineus e dizem que são sinônimas

as próprias designações Ibéria e Hispânia; [...] apenas designavam a região para lá do Íbero. Outros, ainda antes, chamavam a estes mesmos povos, que não se distribuíam por um território muito grande, igletas, como afirma Asclepiades de Mirleia [...] (Str., *Geo.*, 3, 4, 19).

Em outro trecho, Estrabão afirma que Asclepiades teria sido professor na Turdetânia e se vale dos escritos deste autor para se referir à localização de cidades e de templos ligados a divindades gregas. Observamos, além disso, que se trata de registros mitológicos ligados à colonização grega da Ibéria:

[...] Para o interior destes lugares, na zona montanhosa, aparece Odisseia, na qual se encontra o santuário de Atená, como afirmaram Posidônio, Artemidoro e Asclepiades de Mirleia, homem que ensinou as letras na Turdetânia e publicou uma descrição dos povos desta região. Afirma ele que, como recordação da viagem de Ulisses, se encontram pendurados, no santuário de Atená, escudos e ornamentos dos navios. Além disso, afirma que alguns dos que participaram na expedição com Teucro viveram entre os galaicos e que existem aí cidades, uma chamada Helenos, a outra Anfílocos, já que Anfíloco teria morrido ali e os que estavam com ele teriam viajado até o interior da região. Afirma ainda ter a informação que alguns dos companheiros de Hércules e homens providos da Messênia colonizaram a Ibéria. Também os lacônios ocuparam uma parte da Cantábria, segundo este autor e outros (Str., *Geo.*, 3, 4, 3).

Artemidoro, por sua vez, é uma referência de grande importância para Estrabão, já que aparece algumas vezes no Livro III. Segundo o próprio Estrabão, Artemidoro teria visitado a Ibéria, o que poderia fazer dele uma fonte de informações com maior credibilidade do que autores que nunca estiveram na Península: “[...] Este Cabo (Promontório Sagrado), que se precipita para o mar, Artemidoro, que esteve no lugar, como afirma, compara-o a um navio [...]” (Str., *Geo.*, 3, 1, 4). O trecho anterior, se visto de maneira isolada, parece pretender conferir a Artemidoro certa credibilidade, uma vez que ele teria ido à Ibéria. No entanto, em outro trecho do Livro III, Artemidoro recebe críticas por parte de Estrabão. Vejamos:

É possível, de fato, que a situação seja essa, e deve-se acreditar; todavia, aquilo que Artemidoro referiu, de acordo com a opinião geral e com o senso comum, certamente não é credível [...]. Artemidoro, por seu turno, diz que o sol se põe cem vezes maior, e que a noite chega imediatamente. Na verdade, porém, não é concebível que ele tenha visto tal coisa no Promontório Sagrado, se atendermos às suas próprias palavras (pois declara que durante a noite ninguém lá subia, de modo que tão pouco alguém subiria ao pôr-do-sol, se é verdade que a noite chega de imediato). Mas em nenhum outro lugar da costa oceânica é assim: pois também Gades fica junto do Oceano e Posidônio testemunha em contrário, bem como outros mais (Str., *Geo.*, 3, 1, 5).

Nesse trecho, observamos que Estrabão critica Artemidoro, ao passo que enaltece Posidônio, apontando que as informações deste último seriam mais seguras que as do primeiro. Tanto Artemidoro, quanto Posidônio teriam visitado a mesma região da Ibéria, mas, como vimos, Estrabão confia mais nas informações deste último, pelo menos no tocante à geografia do Promontório Sagrado. Salvo essa crítica a Artemidoro, Estrabão utiliza os escritos deste autor em outras passagens do Livro III. Por exemplo, é de Artemidoro a descrição a respeito das mulheres que viviam no norte da Ibéria:

Poder-se-iam também considerar como imagem de comportamento bárbaro os enfeites de algumas mulheres tal como os apresentou Artemidoro. De fato, ele afirma que, em alguns lugares, elas costumam usar, em volta do pescoço, colares de ferro que têm ganchos dobrados em forma de bico de corvo sobre o alto da cabeça e caindo bastante para diante da cara. Assim, quando querem, penduram o véu a estes ganchos de bico de corvo, de tal modo que, depois de estendido, oferece sombra ao rosto – e chamam a isto um adorno [...] (Str., *Geo.*, 3, 4, 17).

Posidônio, por seu turno, é o autor que mais vezes foi citado por Estrabão no Livro III, superando até mesmo o número de referências a Homero. De acordo com Estrabão (*Geo.*, 3, 1, 5), Posidônio teria passado trinta dias em Gades para observar o fenômeno das marés, de modo que constatou alguns erros cometidos por Artemidoro, como já abordamos anteriormente. Em outra passagem, Estrabão utiliza o relato de Posidônio para tratar da viagem marítima da Ibéria à Península Itálica:

[...] Posidônio diz, porém, que observou algo peculiar na sua viagem de regresso da Ibéria: o fato de, naquela parte do mar que vai até o golfo Sardo, os ventos de este sopraem como etésios; por isso aportou com dificuldade a Itália ao fim de três meses, após ter sido sacudido quer para as ilhas Gimnésias, quer para a Sardenha, quer para outras partes da Líbia em frente a estas (Str., *Geo.*, 3, 2, 5).

Dentre as informações mais relevantes que Estrabão recolhe por meio dos escritos de Posidônio, estão aquelas relacionadas à presença de minerais no sul da Ibéria. Segundo Estrabão (*Geo.*, 3, 2, 9), “Posidônio, ao louvar a quantidade de minério e a sua excelência, não se abstém da sua retórica habitual, mas entusiasma-se em vez disso com as hipérboles [...]”. Em outro trecho, Estrabão afirma, com base nas informações de Posidônio, que o rio Minho (Báinis), o maior rio da Lusitânia, cortaria o território dos cântabros (Str., *Geo.*, 3, 3, 4). Também é proveniente de Posidônio a informação de que Marco Marcelo teria recolhido na Celtibéria um tributo de seiscentos talentos, o que mostra que esse grupo ibérico era muito rico, ainda que habitasse uma região pobre, como descreve Estrabão (*Geo.*, 3, 4, 13). Nesse sentido, pelo número de citações e por não tecer críticas a este autor, acreditamos que Posidônio teria sido a principal fonte de informações de Estrabão

na escrita do Livro III. Isso pode ter ocorrido pelo fato de que Posidônio é o autor mais próximo da época de Estrabão (DESERTO; MARQUES, 2016, p. 26).

Com base no que acabamos de expor, podemos concluir que, para escrever sua obra, Estrabão se valeu de diversos textos de autores que lhe antecederam, ora para criticá-los, ora para servir-se deles como fonte confiável de informações, o que demonstra que um texto, ao ser escrito, recebe influência de outros textos que lhe precederam e que foram lidos pelo autor. Destacamos que outros autores, para além dos que citamos, podem ter sido consultados por Estrabão visando a obter informações para a escrita do Livro III, mas, como era de costume na Antiguidade, não havia a obrigação de se referenciar todas as fontes, diferentemente do que ocorre atualmente. Por esse motivo, o fato de esses dezesseis autores terem sido citados demonstra que eles possuíam certo destaque, se não para todos os geógrafos greco-romanos, pelo menos para Estrabão. Essa visibilidade pode ser tanto de cunho positivo, quanto de caráter negativo. Homero, por exemplo, é louvado, enquanto Píteas é depreciado.

Em resumo, verificamos que Estrabão se posiciona a favor da vertente geográfica que defendia os poemas homéricos como fontes confiáveis e essenciais para a construção do conhecimento geográfico. Para o autor, Homero ensinou aos gregos e romanos um tipo de conhecimento que misturava dados históricos com dados mitológicos, mas sempre visando à função pedagógica de ensinar os homens, sobretudo os da elite política e militar, os assuntos da sua *práxis* cotidiana, ou seja, conquistar novos espaços e manter seus domínios territoriais (SILVA, 2021, p. 71-72).

À vista disso, Estrabão se distancia de uma vertente geográfica que se voltava muito para questões de cunho teórico, utilizando-se da Astronomia e da Matemática para a construção do conhecimento. Para escrever a *Geografia*, Estrabão evitou entrar nesses temas que, para ele, só serviriam àqueles que se dedicassem apenas ao campo geográfico. Sua obra se endereçava, portanto, não apenas aos geógrafos, mas, sobretudo, aos homens que se dedicavam à vida política e militar. O objetivo de Estrabão era que seus leitores tivessem um aproveitamento de seus escritos, no tocante a questões práticas, como guerras para a conquista de novos territórios e exploração intensiva de lugares que já se encontravam sob domínio romano. Com base nisso, podemos classificar a *Geografia* no campo da Geografia descritiva.

A recepção da *Geografia* no Principado

Neste tópico, trataremos da recepção da *Geografia* durante o Principado, período que se estende do século I a.C. ao III d.C. Isto posto, há cerca de vinte e uma citações

de Estrabão, sendo quase todas elas referentes à obra *Comentários históricos*, como nos seguintes casos: Tertuliano (*De testimonio animae*, 46); Flávio Josefo (*Antiquitates Judaicae*, 13, 284, 319, 345; 14, 34, 66, 104, 111, 114, 137, 139; 15, 8; *Contra Apionem*, 2, 83-84) e Plutarco (*Caesar*, 63; *Lucullus*, 28; *Sulla*, 26).⁵

As citações dos autores antigos à *Geografia* são escassas e de extensão reduzida, o que nos impressiona diante da proporção do trabalho realizado por Estrabão, além do fato de ser um texto publicado por um membro da elite, que possuía vínculos diretos com o governo do Império, o que bem poderia ter tornado seu trabalho um dos mais consultados do Principado. Todavia, sequer os autores de tratados geográficos que sucederam a Estrabão, como Plínio, o Velho, Pompônio Mela e Cláudio Ptolomeu, referenciam a *Geografia* (SORENSEN, 2017, p. 355).

Ao analisarmos as informações contidas no tópico anterior, no qual tratamos da tradição grega a que Estrabão pertencia, observamos que nenhum nome de autor latino é citado por Estrabão. Pelo contrário, como verificamos por meio do trecho abaixo, Estrabão tece claramente uma crítica aos autores latinos, indicando que eles apenas reproduziam as obras dos autores gregos, não acrescentando novas informações ao campo de conhecimento geográfico:

[...] Mas, no que respeita a territórios bárbaros, afastados, pequenos e dispersos, as referências existentes não são seguras nem abundantes – e, quanto mais distantes estão dos gregos, mais aumenta o desconhecimento. Pelo seu lado, os historiadores romanos imitam os gregos, mas não vão muito mais longe. De fato, aquilo que dizem, traduzem-no dos gregos e não mostram muita vontade de saber. Assim, sempre que no trabalho daqueles há um vazio de informação, não é muito o que é completado por estes, pelo menos no que respeita aos nomes, já que, quanto aos mais conhecidos, são, na grande maioria, nomes gregos [...] (Str., *Geo.*, 3, 4, 19).

Nesse sentido, podemos supor que, pelo fato de Estrabão minimizar a atuação dos autores latinos, estes últimos tenham evitado citar a *Geografia*. De modo geral, as obras de Estrabão não foram muito difundidas no Principado, se apoiarmos essa ideia na quantidade de referências feitas a elas por outros autores, cujas obras chegaram até nós.

A *Geografia* é citada no *Léxico* de Pânfilo, autor proveniente de Alexandria (séc. I). Aujac e Lasserre (1969, p. xlix), inclusive, indicam duas tradições distintas de nomenclatura para o tratado geográfico de Estrabão. No *Léxico* de Pânfilo, a obra de Estrabão intitula-se *Γεωγραφικά*, e é esse nome que consta em toda a tradição originária do manuscrito bizantino Ω, datado do século IX. Por outro lado, alguns autores se referem à obra

⁵ Sorensen (2017, p. 363-364) apresenta um quadro sistemático de todas as citações a Estrabão feitas na Antiguidade.

de Estrabão por meio do título *Γεωγραφούμενα*, como consta nos escólios da obra *Argonautas*, de Apolônio de Rodes (séc. III).

Dentre as outras citações feitas à *Geografia*, duas são de Ateneu e duas de Valério Harpocracion, sendo ambos autores do século II d.C. Ateneu faz duas citações à *Geografia* na obra *O banquete dos sofistas* (3, 121; 14, 657-658),⁶ as quais estão relacionadas ao tema da alimentação e, de maneira mais específica, ao molho de peixe e ao presunto provenientes da Ibéria. O segundo caso é o de Valério Harpocracion, autor de Alexandria, no Egito, que, em sua obra *Léxico dos dez oradores áticos*, refere-se a Estrabão, ao citar passagens da *Geografia*, sendo uma do Livro VIII e outra, do Livro X. Todavia, como as informações indicadas por Valério não são encontradas nos manuscritos antigos da *Geografia*, é possível que este autor as tenha inserido por conta própria, visando a ornar seu texto (SORENSEN, 2017, p. 360-362).

Além dessas referências, Zuliani (1999, p. 8) nos informa que Dionísio Periegeta, autor do século III, reproduziu trechos da obra de Estrabão. Contudo, estamos diante de um tema que é motivo de controvérsia, pois existe a possibilidade de Dionísio ter recorrido à *Geografia*, ou, ainda, que ele tenha se valido das mesmas fontes que outrora foram utilizadas por Estrabão, daí a semelhança entre o trabalho dos dois autores (SORENSEN, 2017, p. 360-362).

Conclusão

Finalizamos este artigo reafirmando que um texto, ao ser escrito, recebe diversas influências externas, seja da tradição literária à qual pertence, do contexto histórico no qual o autor está inserido, das fontes disponíveis para a escrita, bem como do público-alvo que se busca atingir. À vista disso, realizamos um levantamento de algumas passagens nas quais dezesseis autores são citados por Estrabão nos quatro primeiros capítulos do Livro III da *Geografia*. A análise dos trechos nos quais esses autores são referidos pelo nome nos permitiu observar com quais deles Estrabão dialogava, apoiando as questões geográficas por eles defendidas, e com quais ele mantinha uma relação de desconfiança. A tarefa por nós realizada permitiu o esclarecimento de como o conhecimento geográfico foi construído no mundo greco-romano, desde a época de Homero, autor do século VIII a.C., até o contexto no qual viveu Estrabão, na transição entre os séculos I a.C. e I d.C.

⁶ Outra citação, também de autoria de Ateneu, pode ser incluída, mas ainda é motivo de controvérsia (SORENSEN, 2017, p. 361).

Analisamos também a questão da recepção da *Geografia* durante o Principado, contexto no qual ela foi produzida. Como sabemos, Estrabão dedicou uma vida de estudos para coletar dados e dar ao seu público-alvo uma imensa obra para ser usada com finalidades práticas. Mas, uma pergunta difícil, e, talvez, até mesmo impossível de ser respondida é se os chefes militares romanos teriam de fato consultado a *Geografia*. No tocante aos pares de Estrabão, ou seja, àqueles intelectuais, como Plínio, Ptolomeu e Pompônio Mela, que se dedicaram à Geografia, no início do Principado, verificamos que eles não utilizaram a *Geografia* de Estrabão. Com base nisso, levantamos duas hipóteses: ou a *Geografia* foi muito pouco difundida nos primeiros anos após sua publicação, ou ela não teve uma recepção positiva por parte dos geógrafos latinos.

Referências

Documentação textual

- ESTRABÃO. *Geografia*: Livro III. Introdução, tradução e notas de Jorge Deserto e Susana da Hora Marques. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.
- STRABO. *The Geography of Strabo*: Books 1-2. Translated by Horace Leonard Jones. London: Loeb Classical Library, 1960.
- STRABO. *The Geography of Strabo*: Books 3-5. Translated by Horace Leonard Jones. London: Loeb Classical Library, 1960.

Obras de apoio

- AUJAC, G.; LASSERRE, F. Introduction générale. In: STRABON. *Géographie*: introduction générale et Livre I. Paris: Belles Lettres, 1969, p. vii-xcvii.
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. La Hispania en época de Augusto vista por escritores contemporáneos: Estrabón y Trogo Pompeyo. *Gerión*, v. 24, n. 1, p. 237-249, 2006.
- CLARKE, K. *Between Geography and History*: Hellenistic constructions of the Roman World. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- DANDROW, E. Ethnography and identity in Strabo's Geography. In: DUECK, D. (ed.). *The Routledge companion to Strabo*. New York: Routledge, 2017, p. 113-124.
- DESERTO, J.; MARQUES, S. H. Introdução. In: ESTRABÃO. *Geografia*: Livro III. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, p. 13-31.
- DUECK, D. *Strabo of Amasia*: a Greek man of letters in Augustan Rome. London: Routledge, 2000.

- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- LEITE, L. R. Difusão e recepção das obras literárias em Roma. In: SILVA, G. V.; LEITE, L. R. (org.). *As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens*. Vitória: Edufes, 2013, p. 82-98.
- POTHECARY, S. The European provinces: Strabo as evidence. In: DUECK, D.; LINDSAY, H.; POTHECARY, S. (ed.). *Strabo's cultural Geography: the making of a kolossourgia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 161-179.
- SILVA, G. A. *Estrabão e o domínio romano sobre a Ibéria: um estudo à luz dos conceitos de isotopia e heterotopia (27 a.C. – 23 d.C.)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.
- SØRENSEN, S. L. "So says Strabo": the reception of Strabo's work in Antiquity. In: DUECK, D. (ed.). *The Routledge companion to Strabo*. New York: Routledge, 2017, p. 355-366.
- ZULIANI, F. M. *Passado e presente em Estrabão: as estruturas espaço-temporais da Geografia e suas relações com o Império Romano*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.